

# O “SABBATH” DA ETIÓPIA CRISTÃ A PARTIR DE UMA TRADUÇÃO: ALTERAÇÕES DE SIGNIFICADO E ANACRONISMOS

*The “Sabbath” of Christian Ethiopia from a translation: changes in meaning and anachronisms*

Vitor Borges da Cunha<sup>184</sup>

## Resumo

Este trabalho analisa a alteração que a tradução de um texto pode ocasionar no significado original. Em *The life of Takla Hâymânôt in the version of Dabra Libanôs...*, o tradutor Ernest Budge não faz uma diferenciação dos significados do termo “sabbath”. Primeiro, apresento os possíveis significados de “sabbath” para o cristianismo etíope, bem como um panorama geral da observância do duplo sabbath na Etiópia Cristã. Após, analiso as aparições do termo na tradução de Budge e no documento traduzido por ele. É possível perceber uma alteração do significado original. Com isso posto, traça-se considerações teóricas a respeito do processo de tradução e de anacronismos presentes nele.

**Palavras-chave:** Sabbath; Etiópia Cristã; tradutologia.

## Abstract

*This work analyzes the alteration that the translation of a text can cause in its original meaning. In *The life of Takla Hâymânôt in the version of Dabra Libanôs...*, the translator Ernest Budge does not differentiate the meanings of the term “sabbath”. Firstly, I present the possible meanings of “sabbath” for Ethiopian Christianity, as well as an overview of the double sabbath observance in Christian Ethiopia. Afterwards, I analyze the appearances of the term in Budge’s translation and in the document translated by him. It is possible to notice a change from the original meaning. With that said, theoretical considerations are drawn about the translation process and the anachronisms present in it.*

**Keywords:** Sabbath; Christian Ethiopia; tradutology.

---

<sup>184</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (PPGH-UFPel). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Introdução

Em 1906, ocorreu a publicação da obra *The life of Takla Hâymânôt in the version of Dabra Libânôs, and The Miracles of Takla Hâymânôt in the version of Dabra Libânôs, and The Book of the Riches of Kings*. Fruto do trabalho de Ernest Budge, a versão de Dabra Libanos sobre a vida do monge Takla Hâymânôt era, até então, inédita. Dividida em dois volumes, a tradução conta com a versão original do texto ao final.

O texto original, finalizado provavelmente no século XV, foi escrito em gə’əz, uma antiga língua do Chifre da África e que pertence à família linguística semita (Leslau, 1991, p. IX). Desde o século XII, o gə’əz é utilizado apenas como uma língua para a escrita de literatura e para fins litúrgicos. Os estudos da língua são antigos, sendo os primeiros dicionários da língua publicados já no século XVII. Ernest Budge, o autor da tradução aqui em questão, foi um importante tradutor de textos etíopes e eritreus, sendo o responsável por uma série de traduções. O autor se baseou no *ms. orient. 723*, datado do século XVIII e disponível no *British Museum*, para produzir sua tradução.

O objetivo deste trabalho não é propor uma revisão sistemática da tradução de Ernest Budge, mas fazer uma análise qualitativa da tradução de uma palavra, especificamente: “sabbath”. Ao longo da tradução não fica claro a que o termo se refere: se ao sábado ou se ao domingo. Propor essa análise mais precisa do termo o insere em uma discussão mais ampla a respeito da mudança na ortodoxia do cristianismo etíope em 1450. Nesse ano, foi decidido que a observância tanto do sábado quanto do domingo fariam parte da ortodoxia. No entanto, alguns questionamentos ainda podem ser feitos após essa mudança. Um deles é se, de fato, essa mudança foi aceita pelas diferentes redes monásticas etíopes e eritreias; se sim, quando? Mais especificamente, é possível perceber, na fonte em questão, se essa mudança já estava aceita?

Dividirei o trabalho da seguinte maneira: primeiro, farei uma breve apresentação conceitual da questão do duplo sabbath na Etiópia Cristã; após, apresentarei os trechos da fonte que contêm a palavra, seguidos de novas traduções que levem em conta essa diferenciação entre os dois dias. Essa análise contemplará questões que julgo importantes para compreender a lacuna que o trabalho de Budge perpetuou na tradução.

## O duplo sabbath na Etiópia Cristã

O significado do sabbath na Etiópia Cristã é um tema com poucos estudos dedicados especificamente a ele. As poucas fontes sobre o tema, no entanto, podem ser bastante elucidativas a respeito das possíveis significações do termo. Segundo Ernst Hammerschmidt, podemos diferenciar, especialmente, dois significados que se valem do signo “ሰንበት” (sanbat): “ሰንበት:ቀደም” (sanbat qadam, cuja tradução pode ser “primus”, logo, sábado) e “ሰንበት:እሁድ” (sanbat ‘əhud, cuja tradução pode ser “feria prima, dominica”, logo, domingo) (Hammerschmidt, 1963, p. 16). Segundo o autor, a confusão se inicia por ambas estarem ligadas ao significado “primeiro”.

Dessas duas definições, outras se desdobram, também. Na tabela abaixo, pode-se ver os empregos de “sanbat” para “sábado” e para “domingo” em gə’əz:

Tabela 1: empregos de “sanbat”

Sábado	Domingo
- ሰንበት:ቀደም (sanbat qadam)	- ሰንበት:እሁድ (sanbat ‘əhud)
- ሰንበት:እይሁድ (sanbat eyhud)	- ሰንበት:ክርስቲያን (sanbat krəstiyān)
- ሰንበት:ቀደሚት (sanbat qadamit)	- ሰንበት (sanbat)
- ቀደሚት:ሰንበት (qadamit sanbat)	

Na fonte aqui analisada, no texto original do manuscrito se encontra uma outra versão da palavra: “ሰናብት” (sanābət). Segundo Robert Holmstedt (2018), o termo seria o plural de sanbat. Abordarei esta questão na segunda parte do trabalho.

Por ora, temos os significados do sabbath pela combinação com outras palavras (com exceção de um dos significantes de “domingo”). Mas o que está por trás de cada dia? Quais suas características?

As conclusões de Hammerschmidt a respeito da questão do sábado são um bom ponto de partida. Na obra *Stellung und bedeutung des sabbats in Äthiopien*, o autor analisa uma série de fontes que abordam a questão do sabbath etíope. Segundo ele, a partir das diferentes interpretações que são colocadas por cada documento, pode-se concluir que: (1) as fontes concordam que o sábado deve ser observado e que a questão é antiga na Etiópia Cristã; (2) a observância do sábado é condicionada por uma conexão entre o cristianismo etíope e o Velho Testamento – o que pode ser percebido em outras questões do cristianismo etíope, também; (3) apesar dessa conexão, há um importante distanciamento entre o sábado cristão e o sábado judaico. Trabalhos pesados são proibidos, mas tarefas leves eram autorizadas; o sábado é um dia de adoração e de instrução na religião cristã, com foco especial na liturgia eucarística, além da adoração da cruz e da celebração da ágape à noite; (4) e há nessa observância do sábado, possivelmente, uma ligação com o cristianismo primitivo, pois este tinha uma visão positiva do sábado, também (Hammerschmidt, 1963, p. 71-74).

Em suma, pode-se dizer que o sábado cumpria funções litúrgicas específicas e complementares ao domingo. Específicas, no que tange a práticas eucarísticas (tidas estas como o maior fator de afastamento de qualquer noção judaizante associado à observância do sábado); a não realização de trabalhos pesados ou alguns casos específicos. E complementares no sentido de que o sábado era visto como o dia de preparação para o domingo, dia em que as celebrações giram em torno da figura de Cristo.

Olivia Adankpo também traz importantes contribuições a respeito da questão do sabbath. Segundo ela, nos primeiros séculos da Igreja não havia uma clara distinção entre o sábado e o domingo, e a própria definição de cada um passou por mudanças ao longo do tempo (Adankpo, 2017, p. 48) – mudanças estas que não foram iguais em todos os lugares. Um importante episódio que discutiu a questão foi o Concílio de Laodiceia, ocorrido no século IV. No cânone XXIX do documento está dito o seguinte:

Os cristãos não devem judaizar descansando no sábado, mas devem trabalhar nesse dia, ao invés disso, honrando o Dia do Senhor; e, se puderem, descansando como cristãos. Mas, se algum for considerado judaizante, sejam eles o anátema de Cristo.<sup>185</sup> (Schaff, s/d, p. 291)

Até então, segundo Adankpo, havia celebrações feitas no sábado, prática esta introduzida pelo monasticismo egípcio e que se espalhou pela Síria e Ásia Menor (Adankpo, 2017, p. 50). É a partir do século IV, provavelmente, que começa um maior movimento de associação de certas práticas do sábado com o judaísmo. Mas, como dito anteriormente, isto não ocorreu de forma homogênea entre a cristandade.

É controversa a relação do cristianismo etíope com a observância do duplo sabbath. O trabalho de Adankpo (2017) deixa claro que existiam diferentes opiniões a respeito da observância do sábado. Pode-se dizer que a maior oposição à sua preservação se dava entre o alto escalão da Igreja Etíope, encabeçada pelos “ሊቃ፡ጳጳሳት” (“liqā pāppāsāt”), os metropolitanos da Igreja Etíope.

Historicamente, os metropolitanos eram enviados pelo patriarcado copta de Alexandria a pedido dos ነገሥት (“nagašt”, cuja tradução, para questões de inteligibilidade,

<sup>185</sup> Tradução livre. No original: “Christians must not judaize by resting on the Sabbath, but must work on that day, rather honouring the Lord’s Day; and, if they can, resting then as Christians. But if any shall be found to be judaizers, let them be anathema from Christ.”

pode ser feita como “reis”) desde o século IV, momento da conversão do então ንጉሥ (“nəguś”) Ezana à religião. Como dito anteriormente, a relação egípcia com o sábado alterou-se com o Concílio de Laodicéia. O mesmo, no entanto, não pode ser dito para a Etiópia Cristã. Apesar do envio dos metropolitanos, as relações entre etíopes e coptas não foram sempre próximas. Além disso, a presença do cristianismo nos primeiros séculos após o século IV era limitada aos territórios do norte – uma geografia muito diferente do século XV, período aqui analisado.

Somado a isso temos um outro fator importante para uma constituição independente do cristianismo etíope em relação ao egípcio: a expansão islâmica. Segundo Tadesse Tamrat, a partir do século VII o Islã começa um processo de expansão que domina uma série de territórios então axumitas (Estado tido pelos governantes da Etiópia Cristã como sua origem) (Tamrat, 1968, p. 64). Isso levou a uma gradual expansão cristã para territórios ao sul, separando o cristianismo etíope ainda mais do copta. Esse processo levou à desintegração de Axum e ao surgimento da Etiópia Cristã.

Não é o objetivo deste trabalho abordar este processo com maior profundidade. O importante, aqui, é demonstrar a independência do cristianismo etíope em relação ao restante da cristandade. Esse isolamento político e geográfico contribuiu para uma série de especificidades na Igreja Etíope, sendo a observância do duplo sabbath uma delas. Mas, como dito anteriormente, esta questão também foi alvo de disputas teológicas entre grupos dissidentes.

### O movimento eustatiano e a Igreja Etíope: dissidência e reconciliação

Segundo Olivia Adankpo, as fontes que abordam algum aspecto da observância do sábado e do domingo na Etiópia Cristã, escritas entre os séculos X e XIV, são inconclusivas: elas não permitem afirmar que havia uma condenação da observância do sábado ou que este era, de modo consensual, visto como um dia subordinado ao domingo (Adankpo, 2017, p. 52-54). Um dos textos mais importantes para a questão é uma homília sobre os sabbaths escrita por Retu‘a Hāymānot no final dos anos 1330. O texto é fruto de traduções, reescritas e compilações e destinado ao alto clero. Nele, Retu‘a aponta pontos positivos do sabbath judeu, apontando que ele deve ser honrado, mas que é subordinado ao domingo (Adankpo, 2017, p. 56). Analisando o contexto de produção do documento e o público a que ele se destinava, pode-se entendê-lo como uma tentativa de resolver a questão de forma a evitar dissidências dentro da Igreja Etíope, uma vez que muitos clérigos honravam o sábado e o domingo na época, sem que isso fosse considerado heresia (Adankpo, 2017, p. 58).

É nesse período que o movimento eustatiano ganha mais forças. O nome é dado a partir de seu fundador, ‘Ēwoṣṭātēwos (1273-1352). A *gadla ‘Ēwoṣṭātēwos*, presente no manuscrito *Vat. Aeth. 46* da Biblioteca do Vaticano e analisado por Adankpo, é a versão mais antiga a respeito da vida do monge. Ela não precisa onde o monge nasceu, mas menciona que seu tio era Dan‘əl, abade (“abbā”) do monastério de Dabra Māryām Qorqor, na parte oriental do Tegrāy, região norte da Etiópia Cristã (Adankpo, 2017, p. 59). É, também, pelas regiões do norte que ‘Ēwoṣṭātēwos atuou como evangelizador.

Na primeira metade do século XIV o monge já havia estabelecido uma base de seguidores expressiva no norte etíope. Por conta de sua influência, ele passa a ser visto como uma ameaça à Igreja Etíope - e à própria Etiópia Cristã – por sua posição intransigente a respeito da observância do duplo sabbath. Relembro que, nesse período, Retu‘a Hāymānot recém tinha escrito suas impressões a respeito da questão. Isso demonstra que era uma questão em evidência no período. A vida de ‘Ēwoṣṭātēwos menciona um episódio que colocou o monge em oposição a autoridades políticas do período: ‘Amda Ṣeyon, nəguś entre 1314-1344, Warāsina ‘Egzi’, mak<sup>w</sup>annen (“governante”) da região de Ḥamāsən, e Yā‘eqob, metropolitano recém-chegado à Etiópia Cristã (Adankpo, 2017, p. 61). O encontro tem como resultado final a saída do monge da Etiópia e sua ida para Jerusalém, passando por outros importantes locais da cristandade e conversando com autoridades, como o patriarca de Alexandria. Nesses encontros, ele sempre dialoga a respeito da questão do sabbath,

defendendo seu posicionamento a partir de escritos bíblicos, pseudoepigráficos e pseudoapostólicos (Adankpo, 2017, p. 64-68).

’Ēwosṭātēwos não retorna de seu período fora da Etiópia Cristã: ele morre na Armênia. Antes disso, ele comunica aos seus discípulos que voltem para defender sua concepção do sabbath. Segundo Adankpo, pode-se apontar que logo antes da saída do monge havia três concepções de sabbath na Etiópia Cristã: (1) a colocada pelas homília sobre o sabbath, de Retu‘a Hāymānot e que promovia tanto o sábado quanto o domingo, mas estando o sábado subordinado ao domingo; (2) o pensamento eustatiano, que defendia a equidade entre o sábado e o domingo; e (3) uma doutrina que valorizava o domingo em detrimento do sábado, defendida pelo alto escalão da Igreja Etíope (Adankpo, 2017, p. 71).

O que fica perceptível do que foi dito até aqui é a insubordinação do monge às autoridades etíopes, sejam elas políticas, sejam religiosas. Seus discípulos continuaram a espalhar suas ideias pelo norte etíope, uma região que, neste período, podia ser considerada periférica. Como dito anteriormente, após a expansão islâmica as autoridades cristãs etíopes iniciaram um movimento de expansão para o sul. O mapa abaixo auxilia-nos a visualizar as regiões do território da Etiópia Cristã, localizado nas atuais Etiópia e Eritreia:

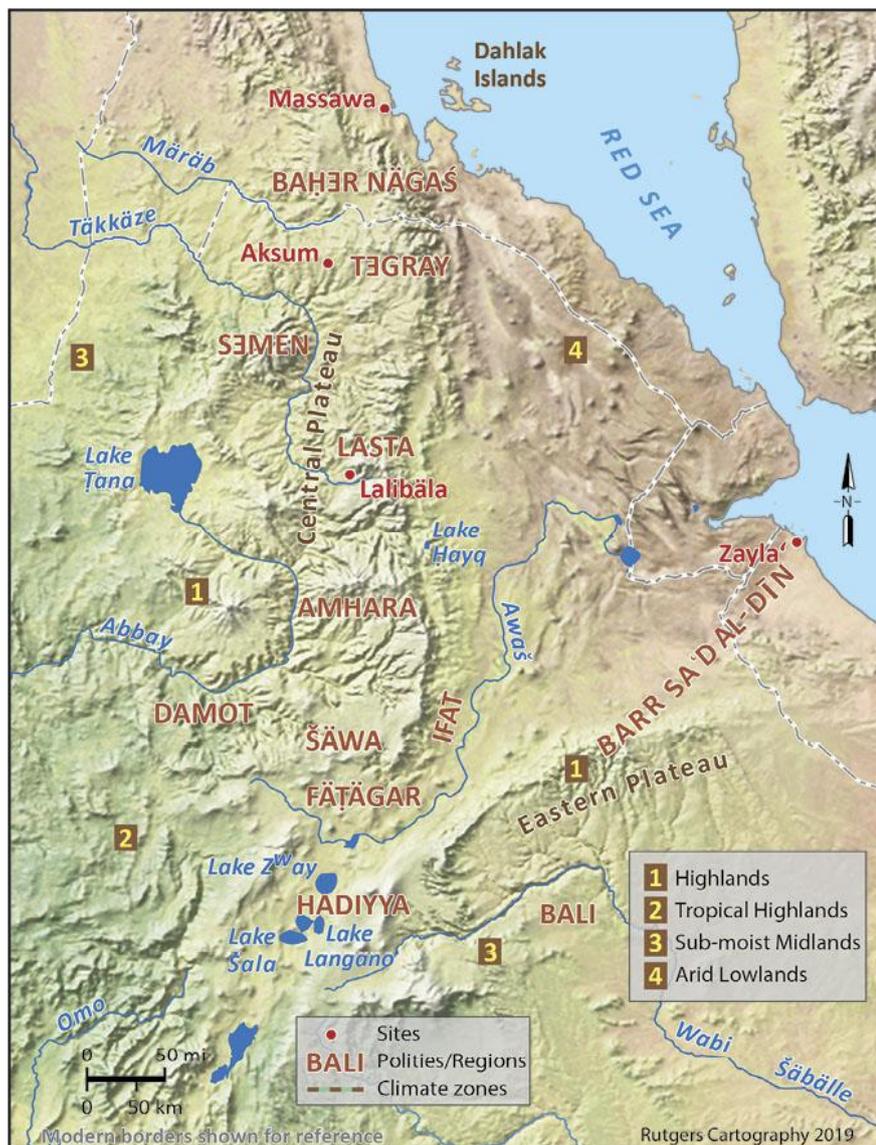


Imagem 4: Figura SEQ Figura \\* ARABIC 1 - Etiópia e Eritreia medievais: zonas climáticas e regiões  
 Fonte: Maps. In: A Companion to Medieval Ethiopia and Eritrea

Axum deixa de ser um centro político entre os séculos VII e X; no século XII, segundo Marie Derat, pode-se identificar a região de Lasta como o centro político da Etiópia Cristã (Derat, 2003, p. 52). É de lá que sai a dinastia Zag<sup>wə</sup>, que ascende e se mantém no poder entre o século XII (pelo menos) até o século XIII, quando uma nova dinastia chega ao poder: os salomônidas.

Provenientes das regiões de Amhara e Śawa, os nagašt dessa dinastia levaram, gradualmente, o centro político para o sul, primeiro para Amhara e, depois, para Śawa. Esse processo levou cerca de 300 anos para ser concluído: entre os séculos XIII e XVI (Derat, 2003, p. 52-83). O foco deste trabalho está dentro do período dessa mudança: no século XV, momento da escrita da versão original da vida de Takla Hâymânôt, o centro político da Etiópia Cristã era dividido por Amhara e Śawa (Derat, 2003, p. 81).

Junto a essa mudança do centro político esteve a valorização de redes monásticas dessas regiões: a de Dabra H̄ayq Ḥṣṭifanos, de Śawa, e Dabra Libanos, de Amhara (Derat, 2003, p. 87). A expansão dessas redes monásticas foi, assim como a expansão política, gradual. Marie Derat defende Dabra Libanos fazia parte da rede monástica de Dabra H̄ayq Ḥṣṭifanos, cujo grande personagem é o monge Iyasus Mo'a, nomeado abuna em 1248, ainda no período da dinastia zag<sup>wə</sup>. Na vida do monge, escrita no século XV, é dito que ele apoiou o primeiro representante da dinastia salomônida, Yekuno ḥAmlāk, a tomar o poder (Derat, 2003, p. 89-90).

Entre os discípulos de Iyasus, segundo Derat, estava Takla Hâymânôt. Ele foi enviado para fundar o monastério de Dabra Libanos em 1284/1285. Nesse período, a região era pouco cristianizada, o que contribuiu para um sentimento de maior autonomia do que em comparação a Dabra H̄ayq Ḥṣṭifanos (Derat, 2003, p. 141). Com o passar do tempo, Libanos passa a desenvolver uma rede autônoma em relação a H̄ayq, o que se reflete nas fontes produzidas: os textos produzidos até o século XVI dão mostras de uma oposição da rede em relação aos nagašt. A partir do século XVI, no entanto, eles alteram seu teor, passando a apoiar os governantes salomônidas (Derat, 2003, p. 100).

Os eustatianos, por sua vez, se constituíram como uma rede monástica nos territórios setentrionais da Etiópia Cristã. Para tanto, o grupo valeu-se tanto (1) da atenção que os governantes salomônidas deram para territórios meridionais, em detrimento do norte; e (2) de disputas políticas entre autoridades etíopes. A dinastia salomônida enfrentou resistências ao seu poder desde sua ascensão, com Yekuno ḥAmlāk e outros governantes tendo que enfrentar resistências de grupos que almejavam o poder político da Etiópia Cristã ou independência em relação a ela.

Segundo Deresse Ayenachew, as províncias do norte recebiam um tratamento diferente por parte das autoridades salomônidas: os governantes locais eram representantes de dinastias locais submetidas ao controle dos nagašt (Ayenachew, 2020, p. 69). Mas esse controle nem sempre era sem contestações. Afastados do centro do poder, eram comuns as tentativas de emancipação. Adankpo aponta que a essa "nobreza rebelde" se somaram os eustatianos, um movimento monástico heterodoxo (Adankpo, 2017, p. 83).

O principal monastério da rede monástica eustatiana era Dabra Māryām, grande centro de produção e difusão religiosa no norte etíope (Adankpo, 2017, p. 191). É no início do século XV que o espaço está plenamente consolidado. Ao mesmo tempo, é neste século que ocorre um processo de integração territorial na Etiópia Cristã, levado a termo especialmente por Zar'a Yā'eqob (1434-1468). Através do aumento do uso de regimentos militares permanentes em todo o território (Ayenachew, 2020, p. 78) e políticas de aliança, Zar'a consegue centralizar politicamente a Etiópia Cristã de forma mais efetiva. E a questão religiosa?

O nēgus também se preocupou com a questão religiosa, uma vez que ela também era um fator de risco para integridade da Etiópia Cristã. Segundo Marie Derat, Zar'a foi um grande interventor da Igreja Etíope. Alterou cargos, concentrou poderes em suas mãos e

interferiu na disciplina eclesiástica e litúrgica (Derat, 2003, p. 166-167). Entre essas mudanças propostas estava a questão da observância do duplo sabbath. Em c. 1450, aconteceu o Concílio de Dabra Meṭmāq. Presidido por Zar’a Yā‘eqob, nele estavam presentes representantes eustatianos e os dois metropolitanos do período, Mikā’ēl e Gabre’ēl. O ponto principal do encontro, segundo Olivia Adankpo, foi integrar os eustatianos à Igreja Etíope (Adankpo, 2017, p. 529). Os metropolitanos acatam a decisão do governante. A partir desse momento, o movimento eustatiano passa a ser reconhecido como uma terceira rede monástica da Etiópia Cristã, ao lado de Dabra Libanos e Dabra Ḥayq Ḍstifanos.

### A aceitação do duplo sabbath

Até esse momento, tratei das questões que levaram à introdução da observância do duplo sabbath como parte da ortodoxia do cristianismo etíope. A mudança é oficializada em 1450, no Concílio de Dabra Meṭmāq. No entanto, fica o questionamento: o quanto essa mudança foi aceita pelos demais representantes da Igreja Etíope?

A fonte deste trabalho é uma cópia de um original produzido em Dabra Libanos, rede fundada por Takla Hāymānōt. Neste momento, farei uma análise das passagens que aparecem no primeiro volume da tradução feita por Ernest Budge. O segundo volume foi deixado de fora por ter apenas uma ocorrência do termo, mas cujo manuscrito não está disponível para o trecho.

Ao todo, temos 4 passagens em que Budge empregou a palavra “sabbath”.

Tabela 2: Ocorrências de "sabbath"

Página	Tradução de Budge	Trecho original	Nova tradução
92-93, fol.63b. 2	“[...] and he tasted no food of any kind whatsoever except on the Sabbath, and on the Sabbath he ate the wild herbs of the desert, without making any choice of them...”	ወይጸውም፡ ወኢይጥዕም፡ ምንተኒ፡ዝንበለ፡በሰናብት፡ ወበሰናብት፡ይበልዕ፡ ቈጽለ፡ገደም፡ እንዘ፡ኢየጋሪ[...]	“[...] and let it be no taste of anything except in Sabbaths and Sabbaths he ate wild leaves without choosing [...]”
143, fol.99b	“[...] and he would partake of them raw on the days of the Sabbath, but he drank no water at all during the whole period of the fast.”	ወይበልዕ፡እ ምኔሁ፡ጥራዮ፡በሰናብት፡ ት፡ማየሰ፡ፍጹም፡ኢይ ሰፍ፡እስከ...	“[...] and he would ate them [wild herbs] raw in Sabbaths [...]”
209, fol.146a.1	“now that day was the morning of the eve of the Sabbath. And the disciple said unto him, ‘Shall I drink, O father, on the day of the eve of the Sabbath?’”	እስመ፡ጽባሐ፡ ዓርብ፡ውእቱ፡አሜሃ፡፡ ወይቤሎ፡ረድእ፡እፎኑ፡ ፡እሰፍ፡አባ፡በዕለተ፡ዓርብ፡፡	“[...] because it was in the morning of Friday at that time. And the disciple said ‘why not drink in the Friday, father?’”
222, fol.154a.2	“and he tasted no food of any sort or kind during	ወኢጥዕም፡ ምንተኒ፡በውእቶን፡ው	“[...] and he tasted no food or

	those days, neither green herbs nor water, except on the Sabbath.”	ዎዕል፡ኢ.ቁጽለ፡ዊማየ፡ ዘእንበለ፡በሰናብት።	anything during those days neither green herbs nor water except on Sabbaths.”
--	--	--------------------------------	---

Das quatro passagens, uma deve ser descartada. O trecho do fólio 146a.1, cuja tradução está na página 209, não apresenta o termo “sabbath”. O termo que aparece é “ዊርብ”, cuja tradução, livre de interpretação, é “sexta-feira”. Nas demais passagens temos “ሰናብት” (sanābət). Este termo não é apresentado por Hammerschmidt em seu trabalho. O dicionário apresentado por Robert Holmstedt no livro *Introduction to Gə‘əz* (2018) aponta que “sanābət” é a pluralização de “sanbat”. Com isso, há um impasse: esse plural se refere ao sábado e ao domingo ou à ocorrência de um deles ao longo das semanas?

Como mencionado anteriormente, Ernest Budge valeu-se de uma cópia da vida de Takla Hây mânôt produzida no século XVIII. Hammerschmidt aponta que a observação do sábado era algo muito enraizado na Etiópia contemporânea, especialmente em seu interior (Hammerschmidt, 1963, p. 2). Portanto, a observância do duplo sabbath firmou-se como parte da ortodoxia do cristianismo etíope. Analisando os trechos em que o termo “sabbath” ocorre, a problemática do significado do termo não está posta. Concluo, portanto, que no período de redação dessa cópia a observância do duplo sabbath estava consolidada na Etiópia Cristã, defendendo que a pluralização de “sanbat” faz referência tanto ao sábado quanto ao domingo. O mesmo, no entanto, não se pode afirmar do manuscrito original, produzido no século XV. Infelizmente, o documento não está digitalizado, tornando inviável sua consulta para a elaboração do trabalho.

O que abordei até aqui, apesar de limitado, permite uma reflexão a respeito da tradução como trabalho intelectual. O livro *The Translation Studies Reader* (2012), organizado por Laurence Venuti, traz importantes contribuições a respeito do processo de tradução. Gayatri Spivak, no artigo *The politics of translation*, defende a necessidade de se conhecer a literatura e a cultura do local de produção do texto traduzido, buscando significados para os termos que vão além do seu mundo/língua (Spivak, 2012, p. 315-322).

Na mesma coleção, Kwame Appiah aponta que o tradutor traduz palavras que são produtos de ações tomadas por razões específicas e que cada língua tem palavras específicas para cada enunciado pretendido (Appiah, 2012, p. 333). O que fica perceptível na tradução de Budge é que isso se perde: o autor não se preocupa em discriminar as possibilidades de significado do termo “sabbath”. Essa falha pode ser devida justamente ao que Spivak aponta: a necessidade de conhecimento da cultura do original.

Para se alcançar o significado verdadeiro do termo, Appiah defende a necessidade de atender aos requisitos do mecanismo griceano, que consiste no “ato que atinge propósito porque seu propósito é reconhecido” (Appiah, 2012, p. 333). Em uma tradução, isso deve ser refletido através da soma de uma tradução literal com a intenção específica do enunciado. Isso só pode acontecer se se tiver uma boa compreensão das intenções do autor para se identificar as intenções das frases (Appiah, 2012, p. 337). Aqui, o que fala é o não-literário.

Seguindo a linha de Ovidi Cortés, pode-se compreender a tradução como parte do discurso colonial, uma vez que ela pode operar como uma forma de imposição de uma hegemonia (Cortés, 1997, p. 28). É a cultura receptora que governa o processo de importação de um texto; logo, ela pode impor uma determinada representação sobre o passado – que é o que percebo na tradução de Budge a respeito da questão do “sabbath”. Não há espaço para outra leitura do sabbath, apenas para a que o Ocidente construiu. Essa ideia influenciou viajantes europeus que, já no século XVI, identificaram uma relação do cristianismo etíope com o judaísmo (Hammerschmidt, 1963, p. 1). Tal ideia se perpetuou por muito tempo no Ocidente, entre historiadores e historiadoras.

O problema da tradução de Budge pode ser abordado, também, por um outro viés: o anacronismo. Isso porque o termo “sabbath”, como apontado neste trabalho, tem diferentes significados, dependendo do tempo e espaço. Segundo José Barros,

[...] somente a História, por tratar na especificidade do seu discurso com duas temporalidades distintas – a época do próprio historiador, e a época diferenciada à qual se refere o objeto de estudo ou processo examinado – apresenta uma complexa questão a ser examinada: a concomitância de dois níveis distintos de conceitos a serem considerados pelo historiador. (Barros, 2017, p. 2)

É preciso, portanto, interpretação social para compreender seu significado. Segundo Jacques Rancière, a interpretação social é a tentativa de substituir coisas por palavras, mas acaba presa pelas palavras que, por sua vez, não são contemporâneas ao que expressa – ou seja, são anacrônicas (Rancière, 1994, p. 33). Não considerar as homonímias – isto é, os diferentes significados que as palavras têm no tempo – é generalizar as palavras no tempo. Como aponta Barros, “[...] palavras, ancoradas em outra época, podiam ter então outros significados, outros usos, outras entonações, outros modos de terem sido um dia percebidas pelos seus ouvintes e leitores” (Barros, 2017, p. 3). Portanto, ao não levar isso em consideração, afasta-se as palavras dos seus significados no passado.

Para se aproximar da verdade, o historiador deve valer-se do “presente no presente”, isto é, quebrar as classificações de nosso tempo e usar as do tempo da produção do objeto (Rancière, 1994, p. 36) – algo que Budge não fez em seu trabalho. Dessa forma, o discurso histórico, que depende (1) da ausência da “coisa em si”, que está no passado; e (2) do que nunca esteve, pois nunca foi como disseram ter sido, aproxima-se mais do passado (Rancière, 1994, p. 64).

## Considerações finais

Este trabalho propôs-se a analisar as aparições do termo “sabbat” na obra *The life of Takla Hâymânôt in the version of Dabra Lîbanôs, and The Miracles of Takla Hâymânôt in the version of Dabra Lîbanôs, and The Book of the Riches of Kings*, tradução feita por Ernest Budge. Para tanto, fez-se uma comparação entre os trechos traduzidos por Budge e os trechos presentes no manuscrito. Primeiro, introduzi de forma breve a questão da observância do duplo sabbath na Etiópia Cristã. Como vimos, “sabbath” pode ter diferentes significados, dependendo do contexto em que é empregado: tanto “sábado” quanto “domingo” podem ser interpretações a partir do termo. Hammerschmidt apresenta algumas possibilidades para o termo, complementadas pela que Richard Holmstedt menciona em seu trabalho – e que é, justamente, a que aparece nos manuscritos.

Após, contextualizei a questão do duplo sabbath dentro da cristandade: diferentes interpretações foram propostas ao longo do tempo, e suas aceitações, ou não, variaram conforme os locais. Para o caso da Etiópia Cristã, pode-se dizer que o significado do “sábado” distanciou-se do restante da cristandade por motivos geográficos e teológicos.

Esta questão acabou tendo consequências dentro da própria Etiópia Cristã, especialmente após o surgimento do movimento eustatiano: defensor de uma equidade entre o sábado e o domingo, o movimento espalhou-se pelos territórios setentrionais da Etiópia Cristã. Essas regiões eram comandadas por autoridades muitas vezes dissidentes dos salomônidas, então dinastia no poder, que valeram-se do movimento religioso para fortalecer suas aspirações à independência. Foi somente com Zar’a Yā’eqob que a questão parece ter sido controlada. O governante aumentou seu controle territorial sobre o norte e, para solucionar a questão religiosa, convocou, em 1450, o Concílio de Dabra Meṭmāq, que torna a observância do duplo sabbath parte da ortodoxia do cristianismo etíope.

Com isso, temos a mudança na ortodoxia. Mas quanto tempo ela levou para ser assimilada? Nossa fonte é uma cópia do século XVII de um manuscrito produzido no monastério de Dabra Libanos, no século XV. Não foi possível apontar se o documento original já levava em consideração, nos trechos traduzidos, essa equidade entre o sábado e o

domingo. Na tradução, no entanto, concluí que sim: há uma equidade entre os dois dias, o que demonstra que a rede monástica em questão já havia aceitado, pelo menos nesse documento e no século XVII, a mudança. Por fim, fiz considerações a respeito dos limites que a tradução de Budge nos apresenta para tratarmos dessa questão. Esses limites se dão tanto por questões de tradutologia quanto por questões de anacronismos que são cometidos em sua obra.

Alguns caminhos se desdobram do que foi apresentado aqui. Fazer uma análise do manuscrito original, disponível na Biblioteca Nacional da França, poderia elucidar sobre como o termo "sabbath" aparece no documento, permitindo uma análise da aceitação ainda no século XV. Infelizmente, o documento não está disponível online, o que não permitiu sua utilização neste momento. Outra possibilidade é analisar outros termos que também se inserem na discussão sobre anacronismo e alteração dos significados do passado, como títulos ("rei", "governador" etc.), delimitações geopolíticas ("reino", "cidade", "distrito" etc.) etc.

As traduções são ferramentas muito úteis para os pesquisadores, mas sua utilização deve ser feita com cuidado. É papel do(a) historiador(a) contextualizar não apenas suas fontes, mas o contexto de produção destas. Trabalhar com traduções envolve uma terceira temporalidade, para além daquela de escrita e do objeto. É, portanto, imprescindível contextualizar, também, os enunciados.

## Referências bibliográficas

- Adankpo, O. (2017). De la prédication hétérodoxe d'Ēwostātēwos à la formation d'un mouvement monastique puissant: genèses du monachisme eustathéen au nord du royaume d'Éthiopie (début du XIVe - milieu du XVe siècle). Paris [Tese de Doutorado em História]. Sorbonne.
- Appiah, K. A. (2012). Thick Translation. In: Venuti, L. (ed.). *The Translation Studies Reader* [3ª ed.] (p. 331-343). Nova Iorque: Routledge.
- Ayenachew, D. (2020). Territorial Expansion and Administrative Evolution under the "Solomonic" Dynasty. In: Kelly, S. (ed.). *A Companion to Medieval Ethiopia and Eritrea*. Leiden/Boston: Brill.
- Barros, J. d'A. (2017). Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo. *Ler História* 71. Disponível em <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2930>. Acessado em 03/02/2021.
- Cortés, O. C. i. (1997). Traducir al otro: Traducción, exotismo, poscolonialismo. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Derat, M.-L. (2003). Le domaine de rois éthiopiens (1270-1527): Espace, pouvoir et monachisme. Paris: Publications de la Sorbonne.
- Hammerschmidt, E. (1963). Stellung und Bedeutung des Sabbats in Äthiopien (*Studia Delitzschiana*, 7). Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag.
- Holmstedt, R. D. (2018). Introduction to gə'əz (Classical Ethiopic).
- Kelly, S. (ed.). (2020). Maps. In: Kelly, S. (ed.). *A Companion to Medieval Ethiopia and Eritrea*. Leiden: Brill.
- Leslau, W. (1987). *Comparative Dictionary of Ge'ez (Classical Ethiopic)*. Wiesbaden: Harrassowitz.
- Rancière, J. (1994). *The names of history: on the politics of knowledge*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Schaff, P. The Seven Ecumenical Councils. Disponível em <https://ccel.org/ccel/schaff/npnf214#summary>. Acesso em: 20 set. 2020.
- Spivak, G. (2012). The politics of translation. In: Venuti, L. (ed.). *The Translation Studies Reader* [3ª ed.] (p. 312-330). Nova Iorque: Routledge.
- Tamrat, T. (1968). *Church and State in Ethiopia*. Tese [Doutorado em História]. University of London, Londres.